

REVISTA

DO

PARTHENON LITTERARIO

TERCEIRA SERIE

ANNO I DEZEMBRO N. 8

PORTO ALEGRE

Imprensa Litteraria

1877



ACTO II

A CHEGADA TARDIA

Sala elegante, mobiliada com gosto, mas sem denotar
luxo. Porta ao fundo; duas
ú direita; uma e janella á esquerda. Mesa
pequena ao lado direito

SCENA I

CORINNA

COR. (*assentada ao pé da mesa, triste, pallida e emmagrecida*) — Amenidades da vida, nobres aspirações do coração, ardores sublimes do pensamento, aonde permanecis n'este instante supremo? Que é feito das delicias iuefaveis de outr'ora? Onde vives, meu doce amor? Para onde fugistes idyllios meigos e ternos que tantas vezes encantastes a minha existencia? (*Pausa*) Responde-me o silencio, sempre o silencio! (*Pausa*) Não tarda a hora fatal do sacrificio... d'aqui a trinta minutos talvez... E depois?... (*Não podendo conter as lagrimas leva aos olhos um lenço*). Dai-me forças, meu Deos! Robusteei meu peito para todos os embates do destino, já que não quizeses me levar a vida. Concedei-me ao menos a energia precisa até aos derradeiros momentos da consummação... Não quero que as agonias tambem assaltem meu pai. Eu sei que elle soffreria muito si eu não permittisse este casamento. Ha seis annos meu pai vio-se perdido, por causa de uma demanda. Valeu-lhe a amizade do commendador. Esse digno homem deu as mais evidentes provas da sua estima. Meu pai jurou por gratidão servir em tudo a tão excellente amigo. Eu não ignorava isto. O commendador, ha quinze dias, pedio minha mão para seu filho. Meu pai concedeu-a. Cousultou-me depois e eu não recusei, por-

que de-graçadamente Silvio já não existia, já era morto o mancebo dos meus gratos sonhos de mulher, já a terra dos sepulchros de além-mar havia devorado o meu bello ideal. (*Chora. Pausa. Enxuga os olhos*), Coragem; serás uma moça malfadada, mas terás a palma da recompensa no seio do Creador; porque satisfarás teu presado pai. (*Apontando com a mão esquerda para a porta da direita baixa*). Ali está o altar; dentro de meia hora, será o lugar do holocausto. (*Toca a campainha*).

SCENA II.

A MESMA E ANTONIO

ANT. (*pelo fundo*) -- A's ordens da senhora.

COR. — A que horas vem a modista?

ANT. — A's seis e meia em ponto.

COR. — Então deve ser a hora: vou esperal-a. (*Er-que-se*).

ANT. — E' sómente o que a senhora queria?

COR. — Só.

ANT. (*indo sair*) — Vou...

COR. — Accenda as velas; bem vê que já é tempo. (*Sahe*).

SCENA III

ANTONIO

ANT. — Comprehensão lá estas raparigas no dia do casamento... Raparigas! Limpe os beiços, Sr. Antonio. A' filha de um doutor das leis não se dá o nome de rapariga, dá-se o nome de moça... moça que é mais fino. Mas esta é exquisita... parece que vai casar-se contra a vontade. Pois olhe, ninguém a obriga. (*Tira do bolso uma caixa de phosphoros*). Ora vamos cá pôr fogo nas luminarias apagadas... (*Accendendo as velas*). Sim, senhor, a

cousa vai muito bem, olé, si vai! Cá por mim já fiz tenção de engulir um pão-de-ló grande e beber uma garrafa de vinho, trez de cerveja e uma de cognac : tambem chuparei uma de bitter, si houver. Estou meio velho, mas não me afasto dos conselhos de meu avô, que foi um heróe nas carraspanas. Quem imita os seus . . .

SCENA IV

O MESMO e HUGO.

HUGO (*pelo fundo*) -- Ora lhe conceda Deus muitas boas noites, Sr. Antonio.

ANT. — Jesus Christo lhe dê as mesmas, Sr. Hugo. Estou dando luz ás luminarias . . .

HUGO — Então as luminarias ainda querem luz?

ANT. — Estavão apagadas . . .

HUGO — As luminarias?

ANT. (*cahindo em si*) — Não, senhor : as velas.

HUGO — Ah! Peis, Sr. Antonio, tenho a satisfação de lhe dizer que a sua pessoa me enche as medidas. Você é o primeiro homem que de véras encanta-me. Reservo-lhe o decimo quadro. Será você symbolisado pela *Esphinge do loendro* que chegará muito breve da Italia.

ANT. — Está na tinta!

HUGO — Quem, homem?

ANT. — É cá o meu dilo do costume. Já se esqueceu? Então o Sr. Hugo me acha com cara de *esphinge* para me encaixar lá no seu quadro?

HUGO — Você é parvo. A *esphinge do loendro* é uma das mais bonitas borboletas que hei de possuir. Vai mo andar talvez por uns dez mil réis, mas não importa. Ella tem uma lagarta do comprimento de quatro pollegadas. E' verde com malhas escuras e n'algumas partes côr de rosa. Os olhos são azues, tal qual como os olhos das allemãs . . . Gosta muito de comer as folhas do loendro. Loendro é o nome de um arbusto comprido com grandes flôres côr de

rosa dispostas em cachos. Dá com abundância no sul da Europa.

ANT. — E o Sr. mandá buscar tão longe essas bichas?

HUGO — Bichas! . . . Borboletas nunca forão bichas, Sr. Antonio.

ANT. — Pois que venha a ser lagarta?

HUGO. — Lagarta significa o corpo da borboleta sem as azas . . .

ANT. — Está na tinta! Sempre sou bem ignorante ao pé do Sr. Hugo.

HUGO — Estou pois resolvido a dedicar-lhe o decimo quadro. Talvez seja o mais bonito. Demais você o merece, porque você é um grande homem. Eu sei até que você ha de com o tempo vir a gostar apaixonadamente das borboletas . . . Eu sou fanatico . . . Quando vejo uma, fico logo endemoninhado . . .

ANT. — Está na tinta! Si é para ficar endemoninhado, nunca hei de gostar . . .

HUGO — Sr. Antonio, já lhe disse que você promette muito, mas que tambem é meio sandeu, não nego. Você nunca comprehende bem a gente . . . não sei aonde tem a cabeça . . .

ANT. — Desculpe . . . a distracção . . .

HUGO — Que distracção?

ANT. — Tem razão . . . não era distracção.

HUGO — Por consequencia as borboletas . . .

ANT. — Diga-me uma cousa, Sr. Hugo. Para que lhe servem as borboletas . . .?

HUGO — Triste cousa é um homem não enxergar um palmo adiante do nariz . . . Commette cada tollice . . . Diz taes asneiras . . .

ANT. — Está na tinta! Sr. Hugo: eu vejo uma legoa distante do nariz . . .

HUGO — Pois admira; mas enfim como você é um homem que aprecia o bello, o magnifico, o magestoso . . . vou lhe dar algumas explicações . . . *(Senta-se)*.

ANT. *(assentando-se)* — Sou mil ouvidos.

HUGO — As borboletas sempre forão lepidopteros dos agouros, não concorda?

ANT. — Lepi . . . pidô . . . lepidôp . . .

HUGO — Pteros . . . Lepidopteros.

ANT. — O que é isso?

HUGO — Quer dizer . . . insectos de quatro azas . . .

ANT. — Está na tinta! Percebi já. Mas dizia que os taes insectos erão dos agouros, não sendo com corda . . .

HUGO. — O que, homem . . . o que?! Ora valha-me Deos . . . E' mais conveniente continuar. Pois sendo os taes insectos agourentos . . . do bem e do mal, está entendido; claro é que elles são de summa importancia: e, o são na verdade, como passo a provar. Tive uma tarde uma idéa maravilhosa . . . Eu já lh'o tenho contado isso por mais de uma vez, mas não importa. Tive a idéa de estudar as borboletas . . . quer mortas, quer vivas . . . e tratei de a executar. Possuia vinte contos de réis, puz dez de parte e os outros colloquei á disposição do meu estudo scientifico. Encommendei borboletas para as provincias do Brazil, para a America, para a Europa, para a Africa e até para a Asia, sem descuidar-me de apanhar as que podesse aqui na minha terra. Principiarão a vir montões d'ellas, mas a maior parte punha fóra, porque erão semelhantes. Fiz firme proposito de não pregar nos quadros duas iguaes.

ANT. — Mas o Sr. Hugo já tem dez quadros com cem cada um, e é impossivel haver mil borboletas diversas.

HUGO — Sr. Antonio, ha mais de milhão, ouviu?

ANT. — Safa!

HUGO — Mandei preparar bonitos quadros com tampas de vidros e dez separações circulares no interior, tendo bem no centro d'aquella separação circular que occupava o meio, uma especie de throno para o chefe das dez familias lepidopteras. Esse chefe das dez tribus era para mim o symbolo de uma pessoa cara. E mandei construir tambem dez gaiolas apropriadas para n'ellas criar sómente as borboletas pertencentes ás raças dos chefes, dos quaes então mandava buscar vivos aonde os houvesse.

ANT. — E vinhão ?

HUGO — De certo.

ANT. — E tem-n'os em casa ?

HUGO — Tenho alguns. Hei de mostral-os.

ANT. — Continue.

HUGO — A mais bella borboleta do primeiro quadro symbolizou minha mulher; pul-a no repartimento do meio. Os naturalistas intitularão-n'a *Citrina*. Era toda amarella tirantę a cõr de limão, com uma manha escarlate em cada asa. O segundo quadro conteve no centro a *Sybilla* que dediquei á minha primeira filha. O terceiro teve o *Pagem de Sarinam*; foi de meu filho. O quarto possuiu uma borboleta apanhada nas Indias. Chamava-se *Priamo* e era formosissima. Tinha as azas brilhantes e de um azul orlado de manchas pretas. Esse quadro foi o meu. *Priamo* symbolizou-me. O quinto teve o *Almirante*; consagrei á meu irmão Paulo. O sexto teve a *Lycena dos carvalhos*; foi de minha irmã. O setimo possuia o *Apollo* e representava meu fallecido sobrinho. . .

ANT. — E o oitavo representa o avô, assim como o nono representa a avô e assim como o decimo vai me representar . . . Depois . . . ?

HUGO — Alto lá; meus avós já morrerão . . .

ANT. — Não faz mal.

HUGO — O oitavo symbolizou o meu compadre Bernardo Góes e o nono, sua filha, que é minha afillhada. Mas oiça agora com muita attenção, porque é o mais interessante da historia. Minha mulher morreu. Deos lhe falle n'alma. Passados dias fui ver o quadro que lhe pertencia e fiquei pasmado. A *Citrina* estava desfeita em mil pedacinhos. Seis mezes depois morreu-me a filhinha de angina. Com alguma desconfiança vou reparar no quadro . . . a mesma cousa. A *Sybilla* tinha-se feito em pó. A do terceiro, do quarto, do quinto e do sexto estão perfectas, porque meu filho, eu, meu irmão e minha irmã tambem estão perfectos, isto é, vivos. Dois mezes depois que meu sobrinho Silvio embarcou para a cõrte recebi d'ahi uma

carta e com ella a triste noticia de sua morte. Elle foi uma das victimas da febre amarella. Pareceu-me uma noticia falsa ao principio, mas indo reparar no quadro e vendo o pobre *Apollo* reduzido a farelo, não duvidei mais. Suffraguei-lhe a alma com quatro missas e puz luto por trez mezes; porque o amava de véras.

ANT. — De modo que si a tal *Esphinge* vier e depois esmigalhar-se no seu quadro, eu estou morto?

HUGO — Com toda a certeza.

ANT. (*levantando-se*) — Agradeço o seu favor como si o tivesse accitado, Sr. Hugo, mas não quero figurar como borboleta no seu quadro. Deixemos de historias... e de mãos agouros... Está na tinta! Além d'isso eu não tenho tencões de morrer breve.

HUGO — Embora; figurará sempre.

ANT. (*com medo*) — O senhor quer matar-me, quer assassinar-me então!? — Ah! veja meu amo.

SCENA V

OS MESMOS e DR. MANOEL

MAN. — Vá illuminar e pôr em ordem o altar, Antonio.
(*O criado entra na D. B.*)

HUGO (*erguendo-se*) — Como tem passado, doutor?

MAN. (*apertando-lhe a mão*) — Perfeitamente; e o senhor?

HUGO — Menos mal.

MAN. — Chegou ha muito tempo?

HUGO — Haverá dez minutos.

MAN. — Vejo que já está preparado para assistir ao acto matrimonial?

HUGO — E' habito meu ser dos primeiros n'essas ceremonias.

MAN. — Não pensa erradamente.

HUGO — Tambem o creio.

MAN. — Entretanto commigo sempre succede ao contra-

rio. Vê? Ainda agora é que chego da rua. O noivo, seu pai e as testemunhas veem em caminho e eu estou n'este estado . . .

HUGO — Provavelmente negocios urgentes a isso o forçarão, doutor.

MAN. — Não resta duvida, mas o que fui fazer a esta hora, podia tel-o feito n'outra, mais cedo.

HUGO — O tempo sobeja ainda, doutor.

MAN. — Vou utilizar-me d'elle. Quanto ao senhor obsequie-me passando para aquella sala. Lá encontrará em que preencher o tempo melhor do que aqui. No emtanto... com sua licença. (*Entra na esquerda*).

HUGO — Este Dr. Soares é um verdadeiro homem da sciencia . . . pelos traços physionomicos o estou conhecendo. Aquella cabeça grave tem genio para descobrir prodigios. Pena é que elle não se dedique ao estudo das borboletas. Teria eu um poderoso auxiliar. (*Entra na direita*)

SCENA VI

GABRIEL, depois ALVES, VIRGILIO e DARIO

GAB. (*entrando da direita baixa*) — Minha infeliz irmã! Inditoso anjo da abnegação eu te lamento do intimo d'alma. A fatalidade te impellio ao sacrificio, sê victima. Um dia talvez cantarás hymnos ao pé de Deos no côro dos anjos. (*Pausa*) Si este casamento se desfizesse eu consideraria uma ventura inesperada para ella, para mim, para meu proprio pai.

ALV. (*ao fundo, fallando para o interior*) — Entrem por ahi mesmo, minhas senhoras. (*Entra em scena seguindo de Virgilio e Dario*) Ca estamos afinal, amigo Gabriel. Que é do Soares?

GAB. (*apertando a mão dos tres*) — Ainda não voltou, segundo me consta, mas isso não impede que estejam a gosto. (*Com um gesto pede que se assentem o que fazem todos*).

VIRG. (*a Gabriel*) — Está prestes o momento em que terei o prazer de dar-te o affectuoso nome de irmão, Gabriel.

GAB. (*a Virgilio*) — Exultarei com isso, Virgilio.

ALV. — A menina, mais propriamente, a noiva está prompta?

GAB. — Si não está, pouco faltará.

ALV. — Desejo ver de uma vez esta união celebrada. A impaciencia de Virgilio é tanta que . . .

VIRG. — Ora meu pai . . . poupe-me ao menos agora. Não acho a oportunidade favoravel para . . .

ALV. (*sorrindo*) — Está bom, basta.

DAR. (*sorrindo tambem*) — A situação de Virgilio é muito melindrosa, Sr. commendador. Nunca me achei em condicão idêntica, mas não obstante imagino . . .

ALV. — Noto uma melancolia qualquer em seu rosto, Gabriel. Não sente-se por ventura satisfeito?

VIRG. — Tambem já a havia notado. Não é plenamente de teu gosto o teu casamento, meu amigo?

GAB. — Offendes-me com tal idéa, Virgilio. E' possível que esteja triste, mas creião que tal tristeza não tem origem no consorcio de minha irmã. Nasceu ella provavelmente de recordações que ha pouco me dominarão o espirito e a imaginação.

ALV. — Recordações de . . . amores?

GAB. — Não, Sr. commendador; recordações de um amigo de infancia que ha mais de um anno descausa em paz no seio da terra.

DAR. — Silvio?

GAB. — Elle mesmo, meus amigos. Prezei-o desde criança, por assim dizer, e bastante tem custado habituarme á sua eterna ausencia.

ALV. — Foi uma perda muito sentida. Era um bello character, aquelle mallegado moço.

DAR. — Si o era!

GAB. — E que coração nobre pul-ava n'aquelle peito brioso! Quantas vezes aos raios da sua robusta intelli-

gencia e da sua grandeza d'animo não me reconheci pequeno, rasteiro. Como filho, como homem, elle era um brilhante modelo.

VIRG. — A morte o roubou impiedosamente.

SCENA VII

OS MESMOS e • DR. MANOEL

MAN. — Eis-me finalmente prompto. — Oh! Andarão a vapor . . . Calculava-os ainda em caminho . . . Mais demorei-me eu . . . Sabi ás cinco horas por causa de uns papéis que me erão necessários e urgentes e que por um esquecimento deixara em poder do tabellião e só consegui voltar ha poucos minutos . . .

ALV. — Demais, meu caro Soares, tens o teu tanto de esquecido . . .

DAR. — N'estas occasiões é natural . . .

MAN. — Tu nada perdóas, Henrique.

ALV. — Não vás te agastar . . . Previno-te que hoje não tenho disposições para relevar teimas . . .

MAN. — Muito menos eu, acredita.

ANT. (*ao fundo*) — Entrou o Sr. padre. (*Sale*).

MAN. — E' chegada a hora solemne, meus amigos; vamos ter com a noiva . . . (*Sale o commendador, depois Virgilio e Dario*).

GAB. — Preciso fallar-lhe, meu pai.

MAN. — Já os sigo. (*Voltando e descendo com Gabriel*)
'Dize o que pretendes.

SCENA VIII

MANOEL e GABRIEL

GAB. — Não é justo que se avise com antecedencia aquillo que mais tarde tornaria inutil qualquer prevenção?

MAN. — Sem duvida.

GAB. — Não é igualmente justo que um irmão carinhoso véle pela ventura da irmã e alcance todos os meios para protegê-la ?

MAN. — Certamente ; mas o que queres dizer ?

GAB. — Pois bem, meu pai, eu vou tratar de minha irmã.

MAN. (*uncioso*) — Explica-te.

GAB. — E' impossivel evitar este casamento ?

MAN. — Estás louco !

GAB. — Meu pai, Corinna não ama Virgilio. Casa-se, porque tencionou sacrificar-se á sua vontade.

MAN. — D'onde veio esse despropósito ?

GAB. — Não é despropósito, é o que ha de mais real e positivo. Corinna vai ligar-se á esse moço, porque meu pai deu sua palavra ao commendador, si não é de todo o executor de um juramento empenhado ha seis annos. Virgilio é um excellente character, tem todos os dotes de seu pai, ama muito minha irmã, mas não é correspondido nem será jámais. E bem vê, meu pai, que um consorcio onde não existe amor reciproco, é um infortunio.

MAN. — Ella confessou-te isso ?

GAB. — Não confessou, mas deixou sem o querer adivinhar o segredo de sua alma. Por vezes surprehendi-a chorando.

MAN. — Indubitavelmente foste illudido : as suas lagrimas tinham outra causa. Admittindo porém uma verdade no que proferiste, é consequente buscar uma justificação ; porque não creio que uma moça esquivê-se de um casamento sem uma razão ao menos extranha. Sabes si tua irmã ama outro homem ?

GAB. — Não sei, meu pai.

MAN. — Vai para oito mezes, em vida de Silvio, pareceu-me que ella o amava e que elle não lhe era indifferente. Bem sabes que eu de modo nenhum me opporia á união dos dous. Depois que soube-se do seu fallecimento e que o proprio tio garantio-nos essa cruel certeza, cheguei até a convencer-me do amor de minha filha, devido ás angustias

que a torturarão. Respeitei todavia os segredos do seu peito. Entretanto ao cabo de seis mezes Corinna fortaleceu-se do animo e procurou distrações. Exactamente por esse tempo Virgilio principiou a requestal-a e ella sinão mostrava-se amorosa, tambem não o repellia nem incommodava-se. Conclui então que entre ambos era facilima a realisação de um casamento. Ha quinze dias emfim Henrique pediu-me a mão de Corinna para Virgilio, e eu que lhe era devedor da maior obrigação não recusei, o que aliás julguei acertado; porque no fim de contas meu futuro genro é moço distincto e minha filha com o tempo consagrar-lhe-ha affeição.

GAB. — Presagio os acontecimentos porvir ao envéz de meu pai, e só supplico a Deos que não se verifique o meu prognostico.

MAN. — Tranquili:sa-te. Corinna ha de ser muito ditosa.

GAB. — Oxalá que a providencia divina se amercie d'ella. Eu a meu turno nada mais fiz do que cumprir um dever. Vamos, meu pai. (*Entra com Manoel na direita*)

SCENA IX

VIRGILIO e CORINNA

VIRG. (*pelo fundo — direita com Corinna vestida de noiva, pelo braço*) — O que me lenciona dizer, minha senhora, que lhe obrigou a desviar-se tanto dos convidados?

COR. — Pouca cousa, Sr. Virgilio, mas necessaria.

VIRG. — Eu a escuto, minha senhora.

COR. — Por diversas vezes ouvi de seus labios a confissão de um amor que nutria por mim, não é verdade?

VIRG. — Tanto é verdade, minha senhora, que ouse ainda adiantar-me. Adoro V. Ex. como se deve adorar os objectos sagrados da vida; adoro-a com o mais fervoroso dos cultos santos e nobres.

COR. — Agradeço-lhe sinceramente essa honra que não

merecia. Mas proseguindo na minha pergunta, que lhe respondia eu depois da sua amorosa confissão?

VIRG. — Nenhuma palavra que me alentasse n'uma esperança suspirada; pelo contrario respondia-me sempre que o coração estava gelado, insensível como a lousa de um tumulo. Mais tarde contudo, minha senhora, pareceu-me que seu coração não era já tão frio . . .

COR. — Peza-me dizel-o que foi ainda uma illusão, Sr. Virgilio; porque meu peito só palpitou vehemente, violentamente por um affecto e esse affecto dezerá com meu corpo á sepultura ou voará com minh'alma aos mundos ignotos da eternidade. Amei um homem muito. . . muito. . . Esse homem morrea. . . amo um morto. . .

VIRG. — Silvio! Quanto daria n'este momento para incarnar-me em ti e possuir tua alma! Expede das alturas onde habitas um obulo de felicidade para mim, que eu te compensarei fazendo ditosa a donzella casta dos teus arroubos de poeta. . . Falla por mim, alma grande e sublime! Supplica por mim um raio de amor, á virgem que contemplas do céo.

COR. (*enxugando os olhos*) — Cale-se, por piedade. Não falle assim, que me crava punhaladas no seio. (*Pausa*) Antes de nos ligarmos para sempre julguei de meu dever abrir-lhe o cofre de minh'alma e patentear-lhe o que lá dentro existia. Vio, estou satisfeita. No futuro não poderá culpar-me, por que fui franca.

VIRG. — Minha senhora. . . (*Agarrando-lhe nas mãos*) Não, não é possível. Si não a possuo, si desfazo este casamento, morro tambem. . . Ah! não imagina como a amo. . . que paixão louca sinto! (*A parte*) Que belleza esplendida, meu Deus!

HUGO (*apparecendo na porta da direita — baixa*) — Senhores noivos. . . o sacerdote os espera.

COR. (*a parte*) — E' destino. (*Alto*) Vamos, senhor. (*Virgilio dá-lhe o braço e entrão. Hugo segue-os*).

SCENA X

ANTONIO depois HUGO

ANT. (*pelo fundo*) — Não me sahe da cabeça a historia da bicha desfeita . . . Mas que demonio de homem aquelle ! Deu-lhe agora para agourar a vida do proximo . . . Um bello dia o decimo quadro cahe . . . a *Esphinge* fica em migalhas e adeus minhas encommendas . . . bato a bota . . . (*Pausa em que reflecte*) Está na tinta ! Si elle teima em me encaixar n'õ quadro e me acontece a desgraça de morrer . . . juro que me vingarei. Sim, senhor . . . Entro em casa d'elle ás escondidas, procuro o quarto quadro e zás . . . um sóco na borboleta que o representa. O Sr. Hugo tambem esticará a canella.

HUGO. (*pela D. B.*) — Estão ajoelhados e o padre pronuncia o discurso . . . Olhe que parecem dnas borboletas, Sr. Antonio . . . Ella então está arrebatadora. O decimo primeiro quadro representará D. Corinna . . .

ANT. — Minh'ama não tem desejos de morrer.

HUGO — Não vem ao caso . . . Diga-me porem cá uma cousa. Ali é que está a estante com todos os livros do doutor ? (*Designa a E. B.*)

ANT. — Sim, senhor. Porque ?

HUGO — Quero consultar um de historia natural. Preciso fazer novas descobertas de lepidopteros. (*Entra na E. B.*)

ANT. — Agoureiro !

SCENA XI

SILVIO e ANTONIO que logo retira-se

SILV. (*pelo fundo, vestido de luto fechado e um pouco magro*). O Dr. Manoel Soares e Gabriel Soares ?

ANT. — Estão, sim senhor.

SILV. — Diga-lhes que espera n'esta sala quem lhes de-seja fallar.

ANT. — Sim, senhor. (*Sahe*).

SILV. (*só*) — Eis-me novamente junto do anjo idolatrado... Como trescala doces aromas o paraizo delicioso, morada encantadora de uma virgem formosa... Ah! como bate-me violentamente o coração... como tenho a fronte abrazada!... E' tudo amor... paixão... delirio... E' a alma irrequieta que se abre e derrama os effluvios do mais terno e puro sentimento, como a flôr osculada pelo astro brilhante da manhã desune as lindas pétalas espadanando divinas fragancias. Que de poesia eu sinto!... Assemelha-se-me á uma existencia de magia, de encantos, de irresistiveis seducções... está em que vou entrar... Fallão me pai e mãe, entos que tanto venerrei e cujas memorias me são caras, mas vou ter breve um anjo para commigo confortar esse vacuo...

SCENA XII

SILVIO e DR. MANOEL

MAN. — Vejamos. (*Dando com os olhos, exclama pasmado*) Silvio!

SILV. — Sr. doutor. (*Apertando-lhe a mão*) Este asombro não é de quem surprehende-se.

MAN. — Vivo!

SILV. — Vivo, certamente. Acaso já me considerava morto?

MAN. — Não só eu, mas todos que o conhecião, a cidade em peso. Quem teve a desastrada idéa de noticiar da corte a sua morte? Seu tio recebeu essa lugubre noticia, e tal cunho de verdade ella tinha, que elle mandou rezar missas por sua alma e a todos communicou o deploravel successo. Mas agora estou reparando... E' ainda por seu pai esse luto?

SILV. — Por minha mãe, doutor. Fazem quatro mezes

á dez do corrente que ella falleceu na capital de Portugal. Vou em poucas palavras narrar-lhe o que me succedeu. Lembra-se do dia em que deixei esta cidade? Pois bem, segui em direitura ao Rio e reuni-me á minha mãe, que de facto estava muito enferma. Chamei medicos que fizerão consultas. O resultado foi penivel. Disserão-me que a molestia d'ella era incuravel e que apenas podias prolongar-lhe a vida, si a levasse para Lisboa, onde ella nascera e cujo clima ser-lhe-ia um balsamo efficaz sinão fosse o remedio para uma milagrosa cura. Não hesitei mais. Partimos para Lisboa. Lá minha santa mãe teve prodigiosas melhoras, mas finalmente, em despeito de todos os cuidados e esforços entregou a alma ao Creador. Passado um mez de nojo embarquei para o Brazil. Vim em barco de vela até ao Rio o que prefez a demora de dous mezes e dias. D'ahi segui para cá e acabo de chegar ha meia hora. E' a primeira casa que visito. Diga-me entretanto onde está Gabriel, onde está D. Corinna? . . .

MAN. (*desesperado*) — Gabriel . . . minha filha . . .

SILV. (*ansioso*) — Sim, aonde se achão elles?

SCENA XIII

OS MESMOS e GABRIEL.

GAB. — Quem é que . . . (*Vendo Silvio dá um grito e fica estupefacto*) Oh!

SILV. (*correndo para elle e abraçando-o*) — Gabriel! Já sei o motivo d'esse grito . . . Julgavas-me morto e vês-me resuscitado . . . Mas não te apavores, amigo. Estou de perfeita saude; apenas um tanto mais magro.

GAB. (*serenando do pasmo*) — Silvio! (*Abraça-o por seu turno*).

SILV. — Meu amigo . . . meu irmão . . .

GAB. (*de subito*) — Desgraçado! Porque não chegaste uma hora mais cedo?

SILV. (*sem comprehender*) — O que?!

GAB. — Que fatalidade ! Perdido ! Tudô está perdido !

SILV. — Mas eu não os comprehendo . . . Tirem-me d'esta anciedade . . . O doutor sombrio . . . tu soltando essas palavras . . . Por Deos, expliquem-se ! . . . (*Tocado de uma idéa*) Corinna ! . . . Onde está minha Corinna ? Quero vel-a ! . .

GAB. — Corinna . . . já não te póde pertencer . . .

SILV. (*com um brado afflicto*) — Porque ?

GAB. — Porque . . . (*vendo Virgilio que apparece na D. B. com Corinna, aponta*) é a esposa de Virgilio Alves !

SILV. — Ah ! (*Cabe no sofá*).

SCENA ULTIMA

GABRIEL, MANOEL, SILVIO, ALVES, VIRGILIO, DARIO e CORINNA

COR. — Silvio ! (*Desmaia, mas é amparada por Virgilio que com os outros a collocão na cadeira*).

VIRG. (*á parte*) — E' negra a minha sorte !

DAR. (*á parte*) — O que sobrevirá, meu Deos ?

ALV. — Que inexplicavel incidente veio offuscar as alegrias da nossa familia, Soares ?

MAN. — Sabes o que é o effeito da queda de um raio no interior de uma casa ? Pois bem, aqui tombou mais do que um raio, tombou uma desgraça horrivel ! (*Passando para o lado da filha e ficando junto a Virgilio, ao tempo que o commendador curva a cabeça*) Minha filha . . . minha querida filha . . . fui o teu algoz ! (*Encerra os olhos e occupa-se de Corinna*).

VIRG. (*baixo*) — Enganou-se . . . O algoz fui eu !

GAB. (*que se tem occupado de Silvio*) — Estava escripto ! Sorrisos . . . depois martyrio !

FIM DO 2º ACTO

Á EDUARDO M. MARQUES

Talvez já te não lembres, meu amigo, da vez primeira em que á poetica luz crepuscular, vimos como que a desenharse caprichosamente nos ultimos clarões do dia, essa angelica criança, pallida e loura como as sci-madoras virgens das lendas tradicionaes.

Era bella, bella como um capricho da natureza, mais bella ainda que as phantasticas creaturas que se fazem e refazem á luz cambiante das lucidas concepções na imaginativa enferma dos poetas.

Formou-a Deus, quem sabe, de umas gotas de orvalho, substanciando-a no perfumoso calice da magnolia em esplendida manhã.

Quando n'esse momento a contemplava, como que arroubado n'um extase sublime, parecia que inteira a alma me fugia a depositar-se no seio mórno da angelica criança.

Tu, mais feliz talvez, partiste, levando nas gazes da saudade a remeta lembrança de seu nome. Apenas o sympathico vulto d'essa mulher perigosa, que o acaso alirou em teu caminho, tibiamente surge nas vaporosas recordações de teu passado de hontem, e desaparece, foge, deixando-te apenas o subtil perfume de seus cabellos buros.

Mas ah! que eu gravei-a de de esse momento de allucinação fatal, bem dentro do coração que ella desapidadamente envenenou.

Nunca, nunca mais a imagem tentadora d'aquella crea-

tura, que eu endoçei n'um phantasiar demente, um só instante se apagou da imaginação-asseza na flamma d'esse desgraçado affecto.

E' que eu então a acreditava para, pura como o halito de um anjo, a prece de uma virgem, as folhas de um missal, o insenso que sobe nas aspiraes da fé aos pés do Creator.

Era um sonho embriagador; tinha de acordar emfim.

*
* * *

Quando a guitarra febril das languidas serenatas, a suspirar ao longe na voz melancolica das brisas em noites de luar, me despertava n'alma um turbilhão de tentadoras seismas, eu via docemente resvalar nos molles clarões que matisavão a alfombra, e no convulsivo labio a transudar ternuras, minha alma lhe fallava em gosos que sonhei.

Depois, se me recolhia ao sôro intimo de minhas concepções e a divinিসava com todos os recursos que a imaginação me dava, acreditava-a nos deslumbramentos insanos de minha alma, raio de luz fagueira a aclarar as tormentosas trevas do céo da minha vida.

Ai! pobre phantasia, que assim me arrebatavas no doudo volitar de tuas azas!

Amei-a, meu amigo, como amar-se póde uma só vez na terra.

Oh! mas que indisveis commoções de goso, meu peito experimentou nos rapidos instantes de fugitivo alento! Enlevado na languida harmonia de seus labios, na musica sonora dos mil protestos vagos, sentindo o arfar oppresso de seu peito e o macio contacto de sua mão a comprimir as minhas, oh! meu amigo, ou parecia respirar uma atmosphera de luz e de perfumes, e entontecido, louco, n'essa vertigem que ideiar não podes, era pequeno o peito para o coração conter.

Foi um delirar sem termo, um sublyurar sem fim!

Sem fim? . . .

Quem ha que por momentos se deíxe adormecer no molle berço dos languidos amores, que não desperte no envenenado leito das Euphorbias, atrophiado, morto, mal recordando ainda as fórmãs da mulher que o entonteceu de luz?

E ella que inundou-me a alma na flamma de seus olhõs, que inebriou-me com o perfume suavissimo de seus labios, acalentando-me no seio um mundo de tentadoras scismas, revelou-se emfim, e lá foi pelo despenhadeiro das vulgaridades, confundir-se no turbilhão infrene dos espiritos contaminados da estúpida vaidade.

Foi uma transmutação dolorosa!

Tão despida dos magicos atavios da innocencia, mal a podias imaginar n'aquella saudosissima tarde em que a vimos, apurada no estreito crysol de nossas phantasias.

E pude por longo tempo acreditar na pureza d'essa creatura que me enganava, que offercia a outrem os sorrisos que erão meus e os olhares que minha alma lhe pedia em troca do muito affecto que lhe dava!

Fatal encantamento!

*
* *

E posso ainda volver os olhos magoados do espirito ao recepiente das alegrias mortas, para topar ahi a imagem enganadora da pallida criança, que adorei nos illuminados extases do meu idealismo!

Soffrego de emoções que prostrão, vou inda recordar o muito que gosei n'essa adoração profana, pediado um raio de luz ao meu passado em trevas.

E no emtanto, mal sabes, que o espinho do remorso desapiedadamente me trucida o coração e a alma!

Mas hei de banir a sua imagem dos voluptuosos sonhos do passado, hei de n'um turbilhão de lagrimas apagar seu nome que inscrevi no dourado livro das chiméras.

Sua voz, como suspiro d'harpa eólia perdido no silencio da noite peregrina, não mais virá despertar em meu

espírito os languidos scismares que me valião uma existencia inteira.

Não mais ! . . .

Como as rosas que se esfolhão ao rijo açoute dos ventos do deserto, e cujas petelas rolão virtiginosas n'um volitar maccobrio, assim as rosas do amor que uma esperança alenta, já m'as desfolhou o sopro esteril da desillusão amarga.

Lá vão, perdidas na corrente impetuosa dos loucos desenganos, inda orvalhadas nos ultimos prantos que a saudade inspira . . .

*
* *

Douradas brisas que passais cantando, não vinde mais n'uma harmonia doce, por meus ouvidos murmurar seu nome !

Oh ! meus sonhos de amor, gratos enlevos que a chorar recordo, indiziveis mysterios de minha alma, ai ! para sempre — adeus !

S: V.

Rio Grande -- 1878.

LULUCHA

X

JUSTIÇA DE CABOCLLO

O abigeato é facto commum em quasi todas as estancias de nossa provincia e causa mais prejuizos no gado do que os tigres e chimarrões, de dia em dia mais raros e carneando uma ou outra vez de relance.

Por isso a scena a que vamos assistir, se para mim tinha o nimio encanto da novidade, para os outros era de valor trivial.

O rincão espaldava sobre o cotovello formado por duas canhadas uma das quaes de fórmula semi-circular. Em seu fundo, desigual pelas protuberancias da rocha e ladeirento pelo declive das coxilhas, as aguas ou corrião rapidas ou despeneavão em alvos frocos extorcendo-se nos vórtices ruidosos das cachoeiras.

Para entrar no campo havia apenas uma picada aberta n'um mato quasi todo de caúnas, d'onde vinha o nome do rincão.

Zéca, receioso de que os bandidos ahi collocassem sentinellas, como sendo o unico lugar de franco accesso, resolveu tomar pelos dois flancos, onde a barreira natural os teria descuidados.

Distribuiu pois sua gente em dois grupos de quatro pessoas, um sob suas ordens e outro dirigido por Corurague.

Um iria pela parte de cima e outro por baixo.

Como ficaram separados convencionarão para a junção e resmoneiar de araduanos dormindo. Era a senha.

Cada qual tomou para seu lado.

O Moxiba levou-nos para a beira da selva, onde os cavallos ficarão manciados.

— Agora, reëommendoa elle, todos encordoão atraz de mim, e sem barulho. Nem o estalar da folha secca! Augusto, venha para perto de mim.

E lá fomos como uma bandeira de quatis, com o cacique na ponta.

Era uma escuridão profunda.

Nem o mais leve farfalhar das ramas. Ao principio alguns passarinhos esvoejarão, despertando assustados; depois tudo volveu á calma solemne da mataria. Ouvia-se só o borborinho da torrente dominando a solidão com o seu rhythmico constante. A's vezes o passo cauteloso de algum animal em busca de prêa, o guincho ou as notas tristes de algum passaro, e o bafejo mais forte da aragem que arripiava a cupula do folheda e como um surdo tiritar repercutia no seio do deserto.

Tomci após Zêca por vezes segurando-me ao pala que elle trazia traçado a tiracollo.

Houve sitio tão difficil de vingar, que tivemos de fazer verdadeiros exercicios de acrobacia, ora escorregando pelos alcantis asperos dos taimbés, com auxilio dos cipós e enredicças, d'onde nos dependuravamos, ora sungando-nos pelos mesmos. N'uma paragem o despenhado era tão a prumo, tão tenebroso e profundo, que só a pratica do homem da natureza podia encontrar recursos para vencel-o. Todos sustarão immoveis ante o abysmo. O olhar não devasava sua vertiginosa profundidade, mas o ouvido percebia o ronco do pógo fervendo. Zêca reflectio segundos apenas. Envolveu a cintura no anillo d'um laço que pedio a um dos peões, e passando este por detraz de um tronco de cabriuva e segurando na outra ponta, foi lento e lento descendo. Em certa altura amarrou-a tambem á cinta e ficou a oscillar

suspensão no ar. Firmando os pés na escarpa, deu um balanço mais forte e agarrou um chachim na parede opposta do precipicio. Depois com a agilidade d'uma jagualirica galgou o cimo. Ahi n'um outro tronco, enfiando a illapa na argola, esticou o laço e o prendeu com segurança. Era uma pinguela de guacaca nas fauces escancaradas d'um sorvedouro ou uma tarabita como mais propriamente denominão em algumas partes da America. Por ella o transpuzemos. Foi uma passagem aerea, capaz d'uma syncope. Os outros a fizerão só com o auxilio das mãos, o corpo impendente; eu como o menos perito tambem com os pés, em posição horisontal. Quem me visse assim, compararmecia a um guariba.

Continuamos a marcha.

Duas horas depois ouvimos longiquo vozceo.

Zéca dobrou de sautela.

Penetravamos a mata toda enredada pelo cipoal tão subtilmente como o menor insecto.

Chegamos á borda d'uma clareira, onde a carneação proseguia.

— Aviem esta rez, andem, é a derradeira, dizia um, que pelo tom com que fallava, suppor-se-ia o chefe.

— Treme-lhe a pacuéra, seu Fernando?

— Estás maluco? Não viste que o Jango fez a ronda? E demais, mal não nos vem de Libindo. O homem está encarangado pelos annos e com um povaréo de gente!

— A safra já comeu-me o fio da faca, disse outro. Deem-me d'ahi a chaira.

— Coureem bem, que furado basta um, reflectio Fernando.

E depois de breve pausa:

— Jango, agora embuçalamos o jaguara do Moxiba. Ah! descoronado do dianho, com o teu cambicho pelo pelintra que chegou, ganho o jogo mano a mano!

Houve certo rumor nas ramas como de passaros sacudindo as azas seguido logo de perto d'um ligeiro resmungar.

Elles suspenderão o serviço e ficarão attentos.

— Não é nada, são aracuans ou jacús sonhando, interveio um.

De novo desceu a melancolica mudez da floresta.

Decorrido um quarto de hora em que desfizerão a carne em mantas de charque e a dependurarão em varaes adrede feitos, o signal da senha se ouviu de novo.

Nenhuma resposta.

Zéca estava impaciente e, se não fosse eu, teria saltado sobre elles que erão oito, quando nós, inclusive eu, eramos a metade.

Os carneadores, terminada a tarefa, fizeram fogo e cada um escolheu o assado de seu gosto. Rins, matambre e uma picanhã estavam no espeto.

Saborearão o manjar entre chacotas dirigidas sobre tudo contra o dono da fazenda e Zéca a quem parecião volar odio figadal. Já dispunhão-se a tomar mate, quando do outro lado soou o signal convencionado.

— Helô! rugio Zéca pulando como um tigre na clareira.

— Egnà! respondeu Cururague.

Os ladrões tomados tão de subito não tiveram tempo de erguer-se.

Entre os braços dos assaltantes, nem fizeram um esforço de defesa. O terror os gelara.

Forão amarrados de mãos nas costas e maneias nos pés.

Cururague que deixara um peão perdido e notara ao primeiro relance que algum escaparia pela desigualdade do numero, desfechou o trabuco sobre um fugitivo já desaparecendo no manto da folhagem.

Foi um urro que concutio a serrania até as bases e foi reboando de quebrada em quebrada, como successivas detonações d'uma tempestade.

Foi um chuveiro de chumbo miudo, balas e balins que cahio sobre a victima, derrubou-a e foi por largo espaço e:garçando a cortina da mataria.

— Que é isto, Cururague?

— Não é nada, seu Zéca, foi para igualar as partidas.

O alarife já ia mato a dentro que nem colia, se a mocaba não falla com a sua voz grossa.

E assim dizendo ia atando um outro que-colgara logo, depois do tiro.

— Mettão em tronco de laço estes chimarrões, ordenou Zéca. De madrugada havemos de palanqueal-os e tirar-lhes a lonca.

— A parada é tua ainda uma vez, ganhaste; fizeste homi jogo; mas se me deixas vivo, ah, Moxiba, não te digo; o que faço! grasnou Fernando,

— O' seu Zéca, como deixa esse guaraxaim parando: patrulha?!

— Deixa, Cururague, amanhã terá occasião de dar pan-eas.

— Qual! Oíça um conselho. Isto é como vara de queixadas, acabado o capitão, tudo mais se desmanda. Diga: uma palavra, seu Zéca, e a mocaba falla com a sua voz grossa.

— Não.

— Olhe que este bicho não obedece ao costeio!

— O' se conheço! . . . Mas o padrinho não quer . . .

— Não te importes lá com o teu padrinho, Moxiba; toma o parecer d'este bugre malador;

— Chio, nada de polvadeira, porque deixo o posto da fazenda, mas a mocaba falla, ladrão!

— Cala-te, Cururaguó, observou Zéca.

Emquanto isto os peões emendarão dois laços e, esticando-o, atarão as extremidades em duas arvores na altura de sete palmos. Em toda a sua extensão em laçadas como golilhas, a igual distancia, enfiarão o pescoço de todos os delinquentes.

— Ah! seu Zéca, é uma pescaria, não vê? Parece um espinhel com sete tarairas! . . .

— Os gandulos estão seguros, vamos comer um pouco e matear.

Eu estava atordoadado com as scenas.

A serie de episodios d'aquella noite surgirão a meu es-

pirito nas sombras vagas d'um pesadelo. A's vezes julgava estar dormindo.

Apparentemente fiz uma proeza sogigando um dos saltadores, mas na realidade apenas tive o trabalho de retel-o. Já punha-se de pé, ia correr, quando eu prendendo-lhe ambos os braços e collocando o joelho no meio do dorso, o lancei por terra. Se o miseravel oppuzesse resistencia e lutasse comigo, talvez conseguisse até estrangular-me, em seus musculos possantes.

Mas, não, bradou, vendo reluzir o ferro que eu desembañara e alçara ameaçando-o :

— Não me mate !

— Então não se mova. Ao menor gesto, cravo-lhe a faca no coração.

Quando um dos camaradas acabou o serviço, chamei-o e entreguei-lhe o meu prisioneiro.

— Você guapeou, moço ; não pensava ! disse-me Cururague.

— Qual ! tornei. Fiz menos que qualquer outro.

— E' só bom, eu vi, interveio um da roda.

— Augusto não faz feio. E' crioulo da cidade, essa querencia de mareados e mascates, mas tem o coração como o nosso.

Calei-me.

Não convinha mais uma escusa, senão tornarião no dia seguinte o meu feito como o mais saliente da correria nocturna e levar-me-ião em triumpho para a casa, o que em consciencia seria altamente ridiculo e burlesco. Não gosto de passar por heróe. Parece me estar vendo D. Quixote ou as personagens das guerras de Scarron.

Depois que esgotarão as provisões de mate, aguardente e fumo encontradas n'um sapicoá, forão dormir.

Dentro de pouco resomnavão.

Só Cururague e eu velavamos aos ullimos bruxoleios da fogueira e ao seintillar de myriadas de estrellas que esmaltavão o firmamento.

O velho indio pelo sangue e costumes de seus antepas-

sados, não toscançou, creio, só para escarnecer dos presos, dar vazão a seu odio, injuriando-os.

Eu ia arrastado na onda de intimos cogitares, quando elle começou :

— Então, Fernandinho dos Barreiros, é só comer carne gorda, sem compral-a? Não havia melhor negocio... Deixa estar, deixa estar, que a paga ha de sahir-te do pellego, caracará do Uruguay!

A respiração sahia offegante das areas do peito de Fernando, assemelhava a uns estertores abafados, cavernosos, aos preludios d'uma explosão volcanica em distancia remota.

Dez minutos depois Cururague tornou á carga :

— Ainda não cochilaste, Fernandinho dos Barreiros? Fazes bem. Se esta noite fôsse sem fim!...

Breve pansa.

— Tu, Fernandinho, és um sapiroca linhoso, escanzurado e sem colomilhos de tão velho... Vejo a primavera e não pellechaste... por Deos o um palacão, que amanhã has de pellechar!...

O moço teve um acesso de sanha indomita. Sacudiu o laço como um touro chucro apanhado pela primeira vez na armada. Os consocios de desdita, sentindo a gnasca quasi estrangulal-os, protestarão voz em grita.

— Ah! sentiste a roseta no velhaqueadouro! Hein? Corcoveia, corcoveia, matungo guinilha... Estou me divertindo!

— Ah! Bugre do inferno! E ejaculou taes invectivas, que é impossivel trasladal-as para aqui.

— Eu podia tomar a mocaba e dar-te a resposta, canalha!

— Mata-me antes, demonio! Antes mil vezes a morte do que a tua acuaçada.

— Matar-te!? E soltou uma gargalhada de possesso. Caramba, não estou louqueando! Pois se quero amanhã ver-te cancheiado como o mate no côcho, a canjica no monjolo!... Quem mandou-te sahir lá de teus barreiros?

Para que deixaste teus campos roseteiros para vir gaúchar na fazenda alheia? O chirú é bom, porém é posteiro e por elle todo o ladrão de gado seria carniça de urubús . . . Mas o patrão não quer e seu Zéca está com elle ! . . . Ah! por mim tu e teus companheiros ficavão sem a craca de tigres ! . . . E demais vou dar-te ainda um conselho, é o derradeiro. Amanhã depois de bem surrado, monta a cavallo e enveréda para teus pagos ; porque se te boto a mão outra vez, não aviso mais ao patrão, estás sem sorte, Fernandinho dos Barreiros !

— Solta-me, solta-me ! bravia Fernando desvairado de raiva.

— Ah ! Agora queres morder ? Sou curado de cobra. Eu mesmo sou veneno. Cururague em guarany quer dizer veneno de sapo.

Já procurara fazer calar o implacavel indio. De balde. Intervim de novo e com instancia.

— Moço, isto que ahí vê é um malvado, um matador. O seu Zéca, Lulucha e a mãe, eu e mais dois, elle não envidou-nos ou por um bamburro, ou porque Deos mesmo não quiz . . . Eh puxa ! que andamos pelas caronas !

Elle accedeu finalmente.

Tudo dormio.

Los primeiros alhores do dia despertei ao movimento que se fazia em nosso arranchamento.

Contristou-me o espectáculo que assisti. O individuo sobre o qual Cururague atirara, apresentava o tronco ensanguentado. Da cabeça não se sabia noticia, voara de certo em mil estilhaços. O cadaver ficara de pé. Nas vacas da morte o misero segurara um pampano de mucunan. Os dedos estavão tão crispados e hirtos que com difficuldade os separarão do cipó. E singular contraste ! A planta por cima d'elle toucava-se de seus olentes e roixos festões. Era o painel de todos os dias no seio da natureza, o amplexo da morte e da vida, com uma unica differença — mais em relevo.

Dois da compauha fizerão uma cova por ordem de Zéca

e derão sepultura ao corpo, lineando sobre ella uma toca cruz.

Cururague que partira com esenro em demanda do companheiro desgarrado na vinda, chegou, trazendo-o n'uma improvisada padiola de taquaras.

— Ah! seu Zéca, o pobre do Manduca rolou n'um socavão e quebrou um dos caracús que me deu que fazer para entalar. Era uma feia grola, tendo mais para cima na distancia d'um laço uma caldeirão de agua profunda. . . Se elle calhesse ahí, tinha espichado o molambo.

Zéca ordenou que transportassem o ferido para a casa.

— Não, sen Zéca, isto é serviço para minha velha, que conhece todos os remedios. Levem para lá. Vão devagarinho.

— Cururague, agora mette no tronco a toda esta tropilha, menos o chefe, e cem laçoços em cada um. Ao Fernando desamarra e põe um homem de guarda.

Palavras não são dietas e já o indio com os peões estavam activos no serviço.

Cururague dividió os criminosos em tres turmas, cada uma de dois.

Começou o castigo.

— Lépo! Lépo! só repercutia na mata.

— Chómico, Agapito! Que moneação é esta? Estás passando a mão por sobre este caborteiro? São lambadas de compadre!

— Guzo, Agapito! não vês como o Nico trabalha desobrigado? Assim, assim mesmo!

Cururague, depois de curto intervallo, em que estivera trançando um açoite com cinco ou seis pernas, sem deixar de observar a Fernando sentado sobre a robusta raiz de uma sapupema e a Agapito e Nico, não ponde mais conter-se, de um arranco estava junto do penultimo:

— Tira-te d'ahí, que estás capeiando este malvado em vez de castigal-o.

E continuou a severa applicação com o instrumento recém fabricado.

A victima espinoteou sob o latego e jorrou uma catadupa de vituperios.

— Ah! já conhecestes a mão do bugre velho!? Velhaquicia, redomão, velhaqueia! Com mais alguns repasses ficas manso que nem um guachinho!

Já a pelle do corpo, escoriando-se, golfava sangue. A carne fendida, macerada, a miudo saltava aos pedaços.

Quiz interceder. Aquelle espectáculo repugnava.

Zéca interrompeu-me:

— Não venha apadrinhal-os, amigo Augusto, não posso servir-o n'isto.

E voltando-se para o terrivel agente de sua justiça:

— Cem! Está cumprida a sentença. Solta este tratante.

— Pois, seu Zéca, eu ainda queria dar-lhe alguns de çapa. Corria por minha conta.

E desamarrando o penitente:

— Vai e bocca calada; se tornas a chingar, a mocaba falla com a sua voz grossa.

O outro nem o ouvia, tão cruciantes crão as dores que o atormentavão. Ficou contorcendo-se no grammal.

A punição estendeu-se invariavelmente até o ultimo. Todos jazião prostrados, gemendo, blasphemando. Um ou outro, a intervallos, atirava cruezis insultos sobre os desapiadados juizes.

Velleidades vinhão a Cururague de tomar o trabuco e com a coronha esmigalhar a cabeça do insolente. Mas Zéca atalhava o assomo.

— Seu Zéca, quem a seu inimigo poupa, nas mãos lhe morre. Ha de ver que ainda estes gaviões dão-nos que fazer!

— Deixem livre o derradoiro, ordenou o moço sacudindo a basta cabelleira, que então comparei mentalmente a uma juba de leão.

— Livre?! exclamou o caboelo n'um diapasão de inexprimivel espanto.

— Sim.

— Ehpuxa, barbaridade!

E meneiou a cabeça em signal de desapprovação e descontentamento.

— Seu Zéca, com perdão da palavra, você perdeu o juizo . . . Eu deixo a estancia, seu Zéca, bóto-me por ahi afóra, mas o Fernandinho dos Barreiros, o cabecilha, o mais matreiro de todos, não fica livre, não, juro que hei de atucanal-o até a morte.

Zéca, sem attendel-o, disse aos peães :

— Entreguem as armas d'elle.

E voltando-se para o prisioneiro :

— Não quero tratar-te, Fernando, como os miseraveis que emmalocaste, quero pelejar contigo . . . De ti para ti pensas que me pisas no poncho, andas a provocar-me ha muito. Já duas occasiões pechei-me contigo e viste que não me bôléas do pingo abaixo e sou homem para ti e teu bando de matadores. Hoje estamos frente a frente, braço a braço, e carece nos decidirmos d'uma assentada. Vês aquelle ferro no brazeiro? Mandei-o buscar na estancia, é a marca do padrinho. Parei rodeio hoje e tu és orelhano, vou marcar-te nos encontros.

E pronunciou estas palavras com calma fria, implacavel, medonha! Nunca o vira assim! E que olhar sobre o adversario! Uma lamina fina e acicalada não penetrava mais subtilmente. O jararacuçu que maguetisa a perea, não tem tão insistente fixidade.

— Ah! seu Zéca, agora, sim, sahio com luz!

— Se queres, mata-me; não pelejo, respondeu Fernando desdenhosamente.

— Tens medo?

— Medo?! E de ti, filho das hervas?

O outro arrojou-se impetuosamente. Era a onça ferida. Interpuz-me.

— Deixa, Augusto, cortar-lhe a cara.

— Se quer, eu faço a mocaba fallar com a sua voz grossa?

— Não, Cururague, esta roça é minha.

Fernando acudio com o mesmo sorriso sardonico :

— Olha, Moxiba, que a roça roça a gente.

— Não dou em homem deitado, põe-te em pé, ladrão, que já te digo quem roça melhor.

— Dá-me duas horas, que ainda estou tropego dos amarradinhos e te mostro também como se piala um touro.

— Dou e espero.

— Careço também de ir ao mato campeiar uma maleta que lá deixei.

— Cururague, acompanha-o.

— Não te fias em mim?

— Não.

— Eu juro . . .

— E' de balde..

Fernando não teve remédio, foi cambaleando, simulando mesmo mais embaraço em caminhar do que realmente tinha. Seguia-o o terrível indio que acabava de carregar o trabuco com a munição de umas trinta armas da actualidade.

Cururague não ficara contente com o armistício, era ainda o tupi da antiga estofa, que não dava treguas ao inimigo. Elle observava a marcha mauhosa do prisioneiro entregue a sua guarda e ia attento aos seus menores movimentos.

Quasi a umas trinta braças, Fernando estugou o passo ante umas rochas, que começavam com tres palmos de altura do chão e ião se elevando progressivamente pela superposição de outras, a ponto de sobrepujarem a coma de arvores seculares.

De facto a maleta ali estava.

Elle sentou-se na primeira pedra, enquanto o velho chirú fazia o mesmo no chão de folhas, cruzando as pernas e atravessando a arma sobre as coxas, mas sempre com os olhos fitos sobre elle.

O moço tirou um borrachão de cachaça e disse á sentinella immovel :

— Não quer um trago ?

— Não, respondeu laconicamente e com a catadura cerrada.

Fernando friccionou os vergões dos pulsos e artelhos. Finda esta operação deitou-se com os pés voltados para uma cava que o rochedo formava e na qual parecia ter nascido uma figueira, que ali espalmava a rama.

— Então que é isto?

— Deixe-me descansar um pouco que assonsei.

E sentou-se esfregando uma perna e com as costas viradas para o indio.

— A guasca entranhou nas carnes. Como dóe ainda!

— Vamos! vociferou Cururague, cujo coração não admitava boa coisa. Tu queres furtar-me a volta, altaneiro?

E pondo-se de pé espiava-o, como o maracajá que receia fugir a cuica prêada.

— Ah, bugre de coração jaguara!

— Vamos! Vamos! Ou então empurro-te a coronhaços!

O moço por unica resposta foi se erguendo contrafazendo dores que, de certo, não sentia. Segurava nos ramos da figueira como amparo; de subito com rapido impulso atirou-a sobre o caboclo, e desapareceu como por encanto.

Era a folhagem falsa d'um longo esgalho sobre a bocca d'uma gruta ou caverna.

— Eguâ! restrugio, galgando a pedra. Olhou para o interior.

Profunda treva.

-- Sahe ou então a mocaba urra!

Uma bala sibilou-lhe junto a orelha, esfrolando-a.

O trabuco fuzilou.

Um ribombo horrivel abalou a floresta. Minutos depois ainda os echos o repetião em longiquas montanhas.

Depois immenso silencio.

Nem o gorgoeio d'um passaro, o zumbir d'um marimbondo. Só o eterno borborinho das aguas.

Cururague collou o ouvido ao chão e percebeu o tinir d'uma vareta dentro de um cano.

— Eseapou! Ah! seu Zéca! seu Zéca!

E começou a carregar furiosamente a mocaba, como elle a chamava. Poz a polvora e agachou-se a quanta herva e folha secca a mão abrangia e em seguida com um páo de camboim, de per si formidavel instrumento de defesa, calçou em tres ou quatro movimentos a extranha buxa. A guayaca despejou a ultima remessa de mētralha na enorme garganta do tubo de morte.

No entretanto, quando assim labutava, com os olhos pequeninos e esguelhos relampeando como malacacheta no fundo d'uma cata, indagava as menores particularidades da posição local, receiando que não houvesse alguma talisca ou aberta por onde pudesse ser atacado impunemente.

Todos que estavam na clareira, vierão á detonação.

— Agapito, Nico, vejão lenha e depressa.

E em poucas palavras narrou o occorrido.

E assim rematou :

— Ab! seu Zéca! seu Zéca! Eu não lhe dizia?! E por Deos, não fica só n'isto! E eu manhoso que nem irara na abelheira, cahí no mundéo!... Deixei-me engarampar por aquelle ladrão! Ah! seu Zéca! Nunca mais!... A bala coçou-me a orelha!

Zéca estava pallido de colera impotente.

— E o que vais fazer?

— Vou levantar um fogaréo na entrada da grotta. Ella pode ter sabida. Não tendo, elle morre affogado. Se tiver, logo fumega e podemos segural-o. E' um de meus modos de caçar.

— Bem pensado, disse eu.

— Ha de ser enforcado n'este pé de angico, exclamou Zéca.

E indicou uma arvore colossal com umas doze braças de altura pouco mais ou menos e o tronco talvez com duas de perimetro.

Uma gargalhada soturna e mephistophelica rebbou sob o solo.

— Toma tento, Moxiba! Não vá o feitiço voltar-se contra o feiticeiro! Adeus, até um dia!

O moço quiz lançar-se dentro da furna. Foi preciso contel-o.

— Lá mesmo o descanjico!

— Você é culpado, seu Zéca. A cavallo mesquinho, não se faz affago.

E Cururague com Agapito e Nico, guardândo toda a prudencia, fez na bocca do antro uma coivara e pôz-lhe fogo.

Os dois peães da padiola chegarão, assim como seis escravos todos armados que Libindo enviava receioso de algum contratempo.

O caboclo deixou Zéca e eu para alimentarmos a fogueira: Agapito continuaria a fachinar. Elle e os mais forão em differentes direcções á procura de alguma entrada para o subterraneo.

Decorrida meia hora descobriu um respiro, porém tão estreito, que por elle apenas poderia passar um guaráxim. Comtudo ajudado por dois negros levou uma pesada lasca de pedra e tapou-o. N'um raio de cinco quadras, a não ser alguma pequena fresta fumegando, mais nada.

Já considerava frustrancas todas as pesquisas, quando lembrou-se de subir n'uma caúna e sondar o horisonte. Logo que attingio o tópe e seu olhar dominou a cupula viridante da cordilheira, effectivamente notou n'uma descambada, a curta distancia, a espira de fumo que pouco a pouco ia condensando e formando columna. O stratagemma surtio o desejado effeito.

Escorregou pelo tronco, que não desceu. Chamou tres escravos e foi-se por um lançante ingreme e cheio de fragas. Em seu extremo formava uma barranca sobre largo sangão, em cujo fundo de rocha via-se uma itaipava sobre que as aguas desdobravão em lençol e mais alem torvelinhavão espumantes nas convulsões d'uma cataracta. Pou-

co acima da corredeira destacava uma abertura, por onde sahia a fumaça.

— Escapou, de certo, e loba avanço!

E após momentos de reflexão:

— Vamos bater o mato, elle já desentocou.

— Sem guaipevas para seguir o rasto?

— E' verdade!

— Eu entro na grotta, e voltando-se para um dos companheiros

— Parcéiro, diz a seu Zéca para apagar o fogo lá emriba.

O bravo chirú estava cabisbaixo de agoniado.

Elle respeitado em todo o visindario; elle o feiticeiro, a quem as velhas em sua malignidade supersticiosa attribuião extraordinarios passos, mas a quem recorrião quando doentes; elle o valente e o mais temido posteiro que se conhecia em toda a redondeza; o homem experiente nos tempos de guerra e paz; em um só dia vendo sua fama e nome destruidos!

Elle que tinha orgulho de conhecer a estancia a palmo, nos menores accidentes do solo, no entretanto ignorar a existencia d'aquella galeria!

Pensando ser obra do homem, perguntou a um dos escravos se jamais vira a entrada por onde se sumira Fernando. O interrogado respondeu que não, pois para mais de mez ainda ali havia uma pedra sobreposta.

— Ham! Agora entendo. Enveredarão por aqui e encontrando lá o tapume, abrirão porteira! Caramba! O Fernandinho teve idéa, não quiz ser emmangueirado!

E foi reunir-se a Zéca, tornando todos para a clareira.

Encontrarão ahi Libindo, Vergueiro e Julia, que, apesar do panico terror e severa censura de Amelia, conseguira acompanhal-os.

Tambem Lulucha estava presente. Mal fôra informada do acontecimento, montara a cavallo e vinha a toda a brida, quando esbarrou com o estancieiro.

Bancando-se na redea como verdadeira amazona do sul e saltando da sella :

— Benção, titio.

E saudou as outras duas pessoas da comitiva.

— Deos te abençõe. Onde ias Lulucha ?

— Ver o Zéca, pois esteve em perigo esta noite.

— Pois te digo eu que melhor farias, ficando em casa na companhia de tua mãe, lá é o teu lugar.

A moça corou, amergeo os olhos e tornando a montar, ia retroceder.

— Agora vem comnosco.

Julia acercou-se d'ella

— Não dê cavaco, disse com voz meiga, tambem tive minha parte na reprehensão.

Pronunciou estas palavras baixinho e quasi ao ouvido.

— Agradecida, e fitando n'ella o olhar humido de gratidão, estendeu-lhe a mão, que a outra estreitou com terna sympathy.

— O primo, proseguio Julia alteiando a voz, com uma cajadada matou dois coelhos.

— Como ? interrogou o estancieiro.

— Diz, acudio Vergueiro, que o primo tocou-nos por casa ; mas com razão e mais sobeja do que ali com a senhora, porque Julia veio deixando a mãe inquieta e cheia de receios.

— Não, atalhou Libindo, nada com a prima que veio em companhia de seu pai.

Logo attingirão ao scenario da luta, onde depararão ainda os suppliciados e a cruz, como indicio d'um lugubre drama.

A partida não demorou-se e Zéca veio narrar todas as peripecias que tiverão lugar desde a noite anterior.

Quando elle terminou, Libindo exclamou :

— E agora com aquelle quebra largado ?

— Agora é que a coisa vai pretear, rosnou Cururague. Estou no cerne, como o patrão, os pinheiros da serra não tem a grimpa mais antiga que a minha e passou a mão

JUSTIÇA DE CABOCLLO

pela cabeça que mais apresentava um ninho de carancho que cabelleira: a craca d'elles não é mais grossa nem mais dura; mas, patrão, como os pinheiros que o machado amanhã ha de botar abaixo na derrubada, chegou a nossa vez: Aquelle Fernando dos Barreiros não é homem, não; é peor que o caipóra, patrão! Carece esperal-o na volteada, porque d'agora em diante só fareja carniça. Ah! seu Zéca! seu Zéca!

Por conselhos d'elle, na tarde d'esse dia, que foi para todos de cansaço, tristeza e máos presagios; dia d'aquelles que os romanos chamavão nefastos, houve reunião dos cinco posteiros e mais seis aggregados da fazenda.

Concordarão entre si em observarem a mais estricta vigilancia, não só dentro das seis leguas pertencentes a Libindo, como exteriormente; e sobre a necessidade de mandar vir immediatamente armamento e munições que necessitavão, para prevenir qualquer eventualidade mais séria.

Na madrugada seguinte Libindo despachou um proprio,

Continã.

IRIEMA.

TIJUPAR DESERTO

Triste tapéra ! Aqui quem sabe outr'ora
Alegre tijupar erguia o tecto,
Em cuja cumieira tremulava
A flamma da vida, a leve espira
De fluctuante fumo, grato aviso
Ao viajante ao longe !

Hoje domina
Immensa solidão, mysterio fundo,
Melancolica paz n'esta vivenda !

Inda em pé as paredes e os esteios
De cerne, de arceira, inda as janellas,
A porta estreita, inda da casa ao lado
Os maricás virentes da mangueira
E as tronqueiras, que, á mão do tempo gastas,
Quaes duas sentinellas permanecem
Firmes no seu lugar ; inda no fundo
O quintal da chacinha, cujas arvores
Parasitas sugarão pouco e pouco
E hoje são carcomidos esqueletos
Que a herva de passarinho ennastra apenas !

Dois jerivás na frente, em companhia
De prisco cinamomo, se destacão
Cheios de robustez. Só elles vivem
Testemunhas talvez do negro drama
Que se passara aqui em outras eras.

A pequena distancia, meia quadra,
A cacimba se vê e o quaradouro
Na canhada, do mato outr'ora limpa,
Sem rosas e amoreiras espinhosas

Que floreatos arcos formão sobre as aguas.

Em torno as vastas roças reduzidas
 Dos annos no decurso a capoeiras,
 Onde em melhores tempos a maniva
 E o aipim gostoso as ramas estendia,
 E no outomno o catête lourejava !
 O' paineis da natureza em tela viva
 Perspectiva de encantos que se forão !

Nada mais ! Nada mais ! O ermo apenas !
 Não sóa mais aqui a voz humana
 E o cortejo risonho de outras vozes...
 Não canta o gallo á noite em horas mortas,
 Ou quando as barras do horisonte aponta ;
 Não relincha o cavallo nos poteiros,
 Nem muge o gado ao descambar da tarde
 Quando o sol no occidente vai deitar-se,
 Com aquelles accentos de saudade
 Que cazão-se ao descôr da natureza !

Nos combros de ruinas, onde móra
 A boicininga que pavor desperta
 Aos sons cadentes da terrível cauda,
 E fez o marimbondo para a prole
 Sua correctea cellula impendente
 Do puido capim da cumieira,
 Vivia como em sonhos embalado
 O gaúcho ditozo em outros tempos ;
 Sem ambição de mando, sem cobiça
 De joias e velludos, sem a imagem
 Da corrupção que ferve nas cidades,
 Esse igapó estanque que empeçonha
 O pulmão da innocencia e que descóra
 A face da candura, e murcha e mata
 A flôr da crença. A calma do deserto,
 A doce liberdade campesina,
 O affavel conchego da familia,
 A ternura da esposa, o amor dos filhos,
 Eis os aureos thesouros de ventura,
 Que talvez elle só sacrificasse
 Nos altares da patria. Ai ! que por ella,
 Por vel-a grande, esplendida de glorias,
 Sem pezados grilhões do captiveiro ;
 Por ella, infeliz mãi que tanto chora,

Niobe consternada ante o infortunio,
 Ante o presente em luto, ai que por ella,
 Tudo elle dera, a vida, a esposa, os filhos!

Mas não existe o heróe... Quem sabe os restos,
 Em que canto do mundo agora parão?
 Repousão no Brazil, o caro berço,
 Ou insepultos em extranhos campos.
 Alveião sob a acção das intemperies?
 Ou aqui no scenário a que reveste
 Triste decoração d'uma tapera,
 Jazem dispersos na geral desordem?

.....

O' nas passadas eras, quando a morte
 Com o negro carymbo não sellara
 Essa lauda da terra, a natureza
 Curvada ao braço humano apresentava
 Fórmãs cheias de garbo á luz celeste!
 Nas renques do arvoredó, no tugurio,
 Nas sebes do contorno, na paysagem
 D'aspecto seductor, emfim em tudo
 Era a vida, a alma vida da campanha!
 Mas agora? O que ha li de mais funereo
 Que os destroços esparsos, epitaphio
 Que o tempo grava em monumento antigo?
 Mil vezes antes, mil vezes, a floresta
 Com o esplendor nativo, virgem, pura,
 Templo immenso de mysterios sacros,
 Indefinivcis que o terror inspirã
 Antes a creação, como o catoclo,
 Na primeva nuez, pujante em viço,
 Em athletico ardor, porêm sublime!
 Antes! Que o coração não se confrange
 A' dolorosa scisma em crépe envolta.

Antes. Que o sabiá, cantor ameno
 Das selvas brazileiras, não soltara
 O trillo mavioso, como endeixa
 Era sombria necropolis. E a aurora,
 Que sempre verte jubilos no mundo,
 Não refulgira, como em céos de chumbo,

Não fôra como pallidos tocheiros
Em torno de ataúde funerario.

IRIEMA

DONZELLA E VIRGEM

A . . .

Nos labios passa-te a brisa,
As flores te envião bei os,
Cantão-te as aves poêmas,
A lua te envia scismas.
E ao passar da frouxa brisa,
Das flores aos castos beijos,
Da natureza aos poêmas,
A' luz da lua não scismas!

E' porque d'impuros beijos
Teus labios não têm desejos;
E's tão pura como as flores,
Como os seus são teus amores.

A. CANDAL.

CHRONICA

A penna hoje se embebe em lagrimas para exprimir a dôr que nos opprime ante o eclipse do mais luminoso astro que se engastava nos limpidos horisontes da litteratura brasileira.

Esta chronica é uma pagina de luto, um singelo goivo, que, repassado de saudade pungente, venho depôr sobre a mal cerrada campa, onde repousão as cinzas ainda quentes do preclaro José de Alencar.

José de Alencar baixou ao tumulo ! E' a voz que passa de bocca em bocca como o echo de doloroso brado, como o murmurio tristonho da ventania gemendo na quebrada dos mausoléos.

E' o grito da dôr que solta o Brazil pela morte de seu bem-querido filho.

Pobre Brazil ! O horrendo phantasma da desventura, como esfaimado leão, pisa o teu sólo !

Desventurada patria ! Ainda hontem cahião ao sopro do temporal da morte dois dos teus mais eminentes vultos, dois varões distinctos na intelligencia e na virtude ; hoje, um sol radioso se desprega do zenith e rola no abysmogelado do sepulchro, sepultando-te em noite de crueis tristezas !

José de Alencar já não existe !

Já não se levanta aquella cabeça que era um mundo de prodigioso talento ! Já não se abrem aquelles labios d'on-de rebentava em borbotões, como lavas d'um volcão, a palavra eloquente e inspirada em prol da patria ! Já não se move aquella mão, que, com o cinzel da penna inscul-

pio nas taboas da gloria a corôa de sua immortalidade ! E' muda a harpa que tangia maviosos cantos ! Tudo é mudo e inerte ! Tudo morreu !

Oh morte ! porque em tua passagem pela face da terra não suspendeste a foice inexoravel ao passar pelo filho dilecto da patria ? Porque derribaste do pedestal da vida o soberbo colosso, onde o Brazil inteiro fitava a imagem de sua grandeza ?

Pobre Alencar ! Triste realidade !

Mas, o que tornava José de Alencar o alvo de tantas admirações em toda a parte onde era conhecido ?

O seu genio ! O genio robusto como a natureza americana, esplendido como o sol intertropical ! O genio que creou o *Guarany*, *Iracema*, e muitas outras obras de subido merito, eternos monumentos de gloria que levantara em sua curta peregrinação na terra !

O genio, emfim verdadeiramente raro e vastissimo que tudo abrangia ; pois José de Alencar foi, não só grande romancista, como tambem poeta, dramaturgo, profundo historiador, grande publicista, orador distincto, sabio jurisconsulto, e em qualquer dos generos em que escreveu sempre assignalou-se, em tudo deixou infiltrada a seiva da immortalidade.

Ha entes tão privilegiados pela natureza, que se destacão no scenario do genero humano, como uma estrella luminosa que surge no vão de uma nuvem em noite de tempestade.

José de Alencar achava-se nesse caso.

A par do talento assombroso que lhe illuminava a fronte, possuia uma alma nobre, um caracter distincto que conservou sempre illeso e inabalavel, como um rochedo de granito, no meio da corrente impetuosa da decadencia moral em que marchava o Brazil.

Politico recto, coração onde ardia o fogo do patriotismo, quantas vezes não manejou a penna de acrysolado ouro, em favor do engrandecimento d'esta grande patria que era

seu idolo ! Quantas vezes com o raio de sua voz eloquente não fulminou a corrupção que em toda a parte lavra !

Mas . . . quando depois de, cheios de entusiasmo, cheios de nobre orgulho termos considerado o verdadeiro merito, quando em torno de nós procuramos o representante de tantas glorias, topamos com um tumulo e um corpo gelado, oh ! como é dolorosa a realidade ! Que funda dôr nos esmaga o coração !

Porém . . . silêncio ! Curvemo-nos ao destino . . .

O grande lidador tinha já cumprido sua missão . . . Hoje descança ; mas seu nome viverá eterno como um raio de sol esplendido, na memoria da posteridade.

Honra pois á memoria do grande homem !

PEDRO TUDÊ.

Dezembro de 1877.
